



CORPO, TRABALHO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Tadeu João Ribeiro Baptista¹

RESUMO:

O debate sobre corpo, trabalho e educação física nem sempre está presente na literatura. Considerando esse aspecto, o objetivo central deste texto é realizar uma análise sobre a relação entre corpo, trabalho e educação física, a partir da análise deste pesquisador à sua própria produção, por meio de um estudo autobiográfico, tendo como critério avaliativo um olhar crítico perante as três categorias citadas, estabelecendo uma relação entre elas. Os resultados apontam para uma relação significativa entre o corpo e a educação física na sua afinidade com o trabalho capitalista. A conclusão demonstra que ainda será necessário o aprofundamento de alguns temas para a compreensão da realidade social, como, por exemplo, o nexos entre as relações de trabalho e transtornos de imagem corporal a possibilidade de superação da reificação, a construção da autonomia e da emancipação a partir da relação entre o corpo e a sociedade.

Palavras-chave: Corpo. Trabalho. Educação física. Capitalismo.

ABSTRACT:

The discussion about body, work and physical education is not always present in the literature. Considering this aspect, the main objective of this text is to analyze the relationship between the body, work and physical education, from the analysis of this researcher to his own production, through an autobiographical study, seeking to critically evaluate the relationship between these three categories. The results point to a significant relationship between the body and physical education in their affinity with capitalist work. The conclusion shows that it will still be necessary to deepen some themes to understand the social reality, such as the link between work relationships and body image disorders, the possibility of overcoming reification, the construction of autonomy and emancipation from the relationship between the body and society.

Keywords: Body. Work. Physical education. Capitalism

¹ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Departamento de Educação Física - Grupo de Estudos e Pesquisa COEESA. E-mail: tadeujrbaptista@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

Há tempos, o debate sobre corpo, trabalho e educação física vem sendo uma das inquietações da produção deste pesquisador que tem se preocupado em questionar a lógica capitalista. Retomar alguns trabalhos anteriores e rediscutir alguns temas é uma oportunidade de refletir sobre algumas categorias e suas relações com uma produção que está aberta, uma vez que, não há previsão de se interromper esse debate profícuo na sociedade atual.

O diálogo a respeito do corpo para este pesquisador se inicia com a leitura sobre o desenvolvimento de algumas concepções identificadas em livros e textos de educação física da década de 1990, entre os quais se podem mencionar as produções de Gonçalves (1994); Medeiros (1999); Medeiros (1998); Medina (1990/2009), entre outros.

A esta primeira aproximação, somaram-se outras com o objetivo de entender o corpo em sua totalidade, como é o caso do livro de Weil e Tompakov (1986), que apresentou o corpo com a sua linguagem própria, assim como, posteriormente, outras leituras começam a demonstrar o corpo como uma construção filosófica (já presente nas concepções abordadas nas primeiras leituras), além das dimensões culturais e sociais corroboradas por outros autores. Ainda no campo da Educação Física, o debate sociocultural sobre o corpo se intensifica em várias obras, como são os casos de Carvalho e Rúbio (2001); Daolio (2004; 2005); Soares (2001a; 2001b; 2005; 2007) e; Vaz (1999), entre outros advindos de diversas áreas como Codo e Senne (1984), Leite (2003) e Le Breton (2003; 2010; 2011; 2018; 2019).

Após um determinado período de leituras e estudos de vários autores que vinham e vêm, debatendo o corpo no contexto da história (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2008; 2009a; 2009b; SANT'ANNA, 1995; 2001), do gênero (DORNELLES; WENETZ; SCWENGBER, 2017; GOELLNER, 2003; 2015; 2016); das relações étnicas e raciais (FLORES, 2007; GRANDO, 2009; 2016), entre outros objetos, o corpo foi se tornando algo cada vez mais concreto, ou seja, mais completo de determinações sociais e, por isso, ao mesmo tempo, mais interessante e instigante quanto



às suas reflexões e percursos possíveis para que o corpo se torne cada vez mais um elemento da realidade, assimilado como concreto pensado.

Essa materialização se estabelece com um aprofundamento específico de um debate mais pontual com a leitura marxista (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; ENGELS, 2000; 2011; LUKÁCS, 2003; MARX, 2010a; 2010b; 2011; MARX; ENGELS, 1998). Assim, a discussão sobre o corpo passa a apresentar outras análises sobre o processo de afinidade existente entre o corpo, o trabalho, as relações sociais, bem como, permitem compreender de outra forma a conexão com o campo de conhecimento acadêmico e científico da Educação Física.

O vínculo entre esse campo de conhecimento, o corpo e o trabalho são analisados à luz da teoria marxista, pois, o trabalho é identificado como a categoria ontológica por excelência. Em um texto anterior (BAPTISTA, 2019), procurou-se apontar as relações do trabalho com o processo de formação corporal: uma determinação social que provoca alterações na totalidade humana (material/espiritual²).

A partir dessas incursões, o objetivo central deste texto é fazer uma análise sobre a relação entre corpo, trabalho e educação física, a partir da apreciação da produção científica deste pesquisador procurando avaliar criticamente a ligação entre essas três categorias. Neste aspecto, este trabalho é uma análise autobiográfica do que foi possível produzir sobre estes assuntos até o momento de apresentação deste texto.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento [*sic*] (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Assim sendo, este texto foi dividido em duas partes centrais. Na primeira, serão apresentadas as análises principais entre o corpo e o trabalho. Na segunda, o foco central será o debate entre o corpo e a educação física.

² O uso do termo material/espiritual, tenta demonstrar a totalidade humana por meio do corpo. Infelizmente, até este momento, não se encontrou uma palavra que ajude a expressar essa relação como se pretende.



AS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E O TRABALHO

Para iniciar o debate da relação entre corpo e trabalho, adotar-se-á aquela que já foi defendida em outros trabalhos, tais como em Baptista (2003; 2006; 2007; 2013b; 2014) e Ferreira e Baptista (2013).

Assim, para deixar evidenciada a concepção com a qual tem-se produzido, é necessário dizer que:

[...] o corpo é a expressão material/espiritual do ser humano na natureza/cultura. Acima de tudo, o corpo é síntese de múltiplas determinações. Esta afirmativa se justifica pelo fato de o corpo trazer para si as diferentes determinações da vida humana como a cultura, a economia, a política, a religião, entre outras, sem deixar de lado a sua condição biológica (BAPTISTA; VILARINHO NETO, 2017, p. 137).

O corpo compreendido como a expressão material/espiritual do ser humano, procura englobar o corpo como a manifestação da totalidade de cada pessoa e ele (o corpo) aparece na sua relação com a natureza. É importante salientar que a natureza é histórica, ou seja, ela também é determinada pela ação humana. Ainda é possível parafrasear Marx (2010a) e dizer que o corpo é naturalmente humano e humanamente natural, sendo que ser natural significa ser histórico, religioso, social, político, entre outras dimensões da existência.

Esta “[...] expressão material e espiritual da vida humana: o corpo [...], por sua vez, também é determinado pelas condições materiais da vida” (BAPTISTA, 2013a, p. 64). Isto é, envolve atender as necessidades pessoais, sejam elas, o sono ou a fome, a fantasia de viajar para um determinado lugar, comer uma iguaria específica.

A vinculação entre o corpo humano e a natureza é estabelecida por meio do trabalho. Esse, por sua vez, é o processo por meio do qual, o ser humano se torna humano, entendido como uma categoria ontológica, bem como, ele faz do ser humano moderno e atual um pouco menos pleno do ponto de vista de sua totalidade. Porém, para explicar um pouco melhor esse ponto – o elo entre o trabalho a humanização e a reificação humana, será necessária uma pequena divisão deste debate. O primeiro momento, procura-se apresentar o trabalho como categoria ontológica e, no segundo ponto, o trabalho como processo de objetificação e reificação humanas.



O TRABALHO: O GRANDE MEDIADOR ONTOLÓGICO

Para começar este item é importante dizer que há dois autores importantes neste debate, dos quais se busca refletir a respeito do trabalho como categoria ontológica: Hegel (2003) e Marx (2010a; 2010b; 2011). Apesar de toda a contribuição de Lukács (2010; 2012 e; 2013), o foco central é pensar como se pode verificar a contribuição de Hegel e Marx para se discutir a relação entre o trabalho e a formação do corpo.

Essa análise começa pela reflexão sobre o trabalho na perspectiva hegeliana. Este filósofo alemão, entendia o trabalho como processo de formação da consciência. Em Hegel (2003) é possível entender que o trabalho é forma de o ser humano agir na natureza. Essa ação é a objetivação de sua consciência que em uma “origem” foi criada por um “ser-Outro”, um “Espírito Absoluto”. A partir disso, quando o homem se exterioriza e elabora seu trabalho como fim, ele se reconhece no produto de sua atividade e, assim, transforma a sua consciência.

Salienta-se que o corpo, na visão hegeliana, é um objeto externo à consciência e constitui, por sua atividade – o trabalho, as mudanças na natureza, inclusive no próprio corpo, assim como, altera consciência. Logo, se é a consciência a responsável por todas as atividades corpo, por conseguinte, ela é constituída pelo “ser-Outro”, se a “consciência-em-si”, sabe alguma coisa, inclusive identifica sua própria existência (consciência-de-si), só se pode apontar para a constituição de uma “consciência do corpo” (BAPTISTA, 2013a; 2013c).

Por isso, no limite, quando Hegel (2003) discute a “parábola do Senhor e do Escravo”, demonstra que apesar de o Senhor não ter medo da morte frente ao escravo, a consciência daquele é dependente da consciência deste, pois, é o escravo que efetivamente trabalha e produz. Assim, a consciência modificada tem uma dupla reflexão no produto elaborado (BAPTISTA, 2013a):

1. Reflexão no sentido de se ver repercutido no objeto, como se este fosse o espelho que demonstra a sua consciência e;



2. Reflexão no sentido de pensar sobre a produção, suas características, usos, entre outros. Ao elaborar este pensamento, isso permite, em certa medida, uma consciência diferente da anterior.

Desse modo, se os produtos do trabalho são exteriorizações da consciência, se esta consciência-em-si e consciência-de-si precisa se constituir em uma consciência-para-si, ela acaba por identificar um objeto que lhe é dialeticamente oposto e complementar: o corpo.

Este é um outro ponto a analisar. Como a consciência sabe de alguma coisa (HEGEL, 2003), ela compreende os componentes que lhe são externos e, neste caso, o corpo acaba por se transformar em objeto para a consciência, assim como os outros frutos do trabalho. Por isso, o corpo é então o “corpo da consciência”, haja vista, o corpo também se transformar pelo trabalho (BAPTISTA, 2013a; 2011). Marx (2011), concorda com a ideia de que o trabalho é uma ação humana sobre a natureza – e o corpo é parte da natureza (MARX, 2010a). Para este autor, o trabalho é definido como:

[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhe força útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais (MARX, 2011, p. 211).

Contudo, apesar da aproximação entre a compreensão de trabalho como uma relação de interação, de metabolismo com a natureza, Marx (2011) demonstra que Hegel está de cabeça para baixo, uma vez que, não é a consciência e o “espírito absoluto” que determinam a vida e a existência, mas, que, ao contrário, a consciência é determinada pelas condições materiais, objetivas, sociais da existência, assim, há uma inversão da relação entre sujeito e objeto, porquanto, é no objeto, (no exterior) que está a formação da consciência. A partir daí se constitui o trabalho decorrente da subjetivação de cada pessoa, depois como exteriorização e uma posterior (nova) subjetivação.

Demonstrar a formação de um “corpo da consciência” e de uma consciência do corpo” aponta para uma dualidade. Uma separação entre essas duas condições – o corpo



e a consciência – assim, como pode se identificar em outros autores como Descartes (2005; 2006) e Platão (2006), para citar apenas três obras.

Contudo, elaborando dialeticamente esta constituição que é dada na dimensão material do ser humano, haja vista, ter o seu surgimento na elaboração de bens de consumo e, posteriormente; de mercadorias (ainda não está se discutindo aqui o modo de produção capitalista), a relação entre corpo e consciência é inextricável, ou seja, é fundamental compreender a relação direta entre consciência do corpo e o corpo da consciência, por isso, a forma adequada de se expressar essa relação até o momento é “corpo da consciência/consciência do corpo” (BAPTISTA, 2013a).

Do ponto de vista da reflexão do materialismo dialético dizer isso demonstra que, enquanto o corpo é um objeto externo para a consciência, tem-se a consciência da existência do corpo, a sua forma, as suas dimensões, o seu peso, a sua altura, por outro lado, é este mesmo corpo o lócus de existência da consciência. Não há uma consciência que paira no ar. Ela tem seu ponto de existência – o corpo (BAPTISTA, 2013a).

Só que esta morada não é como está escrito em I Coríntios: 6, 19-20 (BÍBLIA, 2016, p. 215) que diz: “Ou não sabeis que o vosso corpo é Santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço; glorificais, pois, a Deus no vosso corpo”, assim como, também não é o “cárcere da alma” platônico. Esta morada se constitui pela unidade expressa entre ambos. É pela atividade do corpo que se forma a consciência e é pela expressão da consciência que se produz o corpo. O corpo da consciência/consciência do corpo é uma categoria constituída no tripé produção-reprodução-consumo de todas as necessidades humanas (BAPTISTA, 2013a).

Deste modo, o corpo da consciência/consciência do corpo são produtores e produtos da principal atividade humana: o trabalho. Na perspectiva do materialismo dialético, é no trabalho, ou seja, a relação expressa no metabolismo/inter-relação entre ser humano e natureza, enquanto construção histórica (MARX; ENGELS, 1998), logo, uma produção social, que se constitui a humanidade corporal consciente.



Contudo, sob condições determinadas das relações de trabalho, neste caso o capitalismo, esta relação se fragmenta e se desdobra em outros aspectos, sendo que alguns deles serão apresentados a seguir.

O TRABALHO ASSALARIADO E A OBJETIFICAÇÃO HUMANA

Quando se olha para o trabalho no modo de produção capitalista, algumas coisas saem da ordem em relação ao que se apresenta a respeito de sua relevância na constituição do ser humano do ponto de vista ontológico. À medida que o capitalismo se desenvolve, ele é um modo de produção revolucionário e traz para o mundo a possibilidade inédita de uma pessoa livre, com condições de escolher onde, com que, com quem, para quem e por quanto trabalhar.

Esta relação estabelecida entre um ser livre, detentor de sua força de trabalho (o trabalhador, operário, proletário), o qual pode “negociar” o preço de seu trabalho com a outra ponta desta relação (o dono do meio de produção, seja uma fazenda, uma fábrica, uma loja) que comprará a força de trabalho por certo quantum de horas, este sujeito é o patrão, capitalista, burguês.

No entanto, a relação de forças não tem este equilíbrio todo, visto que a capacidade de determinação do preço da mercadoria em cada setor, é definida por uma série de fatores, entre eles, o tamanho do exército de reserva, ou seja, a quantidade de pessoas desempregadas que podem substituir os trabalhadores ativos rapidamente sem grandes prejuízos para os donos dos meios de produção (MARX, 2011).

A partir desse controle, começam alguns eventos importantes para se pensar o corpo, os quais serão apresentados de maneira sucinta. O primeiro deles, é a alienação do trabalhador³. Essa abstração inicia no momento, em que o trabalhador aceita labutar uma determinada quantidade de horas, recebendo um salário por cada hora de seu empenho, o que, ao final de um mês irá compor o seu salário geral. Ao fazer isso, ele vende o produto do seu suor tendo com isso, uma primeira perda no processo ontológico: a não identificação do objeto com ele, pois, ao vender o fruto de seu esforço, o bem de consumo

³ Para maiores detalhes, consultar Marx (2010a; 2010b).



ou mercadoria não é mais dele, e sim, do burguês que pagou pelas horas de lida com o processo. Em outras palavras, o objeto não volta para o trabalhador, mas, para o seu patrão, começando a fragmentar a sua subjetividade (MARX, 2010a), porquanto, este objeto deixa de ser objeto para a sua “dupla reflexão”.

O segundo momento, é estabelecido pela própria organização do trabalho. A quantidade de horas de labuta, a atividade a ser realizada, o momento de sua alimentação, de seu repouso e, em algumas situações, até o momento para atender algumas necessidades fisiológicas, são definidas rigorosamente. Esta perda do controle do processo é a segunda dimensão do processo de alienação (MARX, 2010a).

Em um terceiro ponto, considerando a transferência do objeto para o patrão, e o estranhamento do trabalho, a falta de controle sobre o processo de elaboração, assim como, a necessidade de adaptação para que se mantenha no ritmo dos instrumentos, produz a terceira dimensão de si, ele deixa de se ver como humano e começa a se perceber como máquina. Ele se vê como animal em sua atividade vital de ser humano – o trabalho – e se vê como humano em suas atividades animais de se alimentar, beber e no sexo (MARX, 2010a; 2010b).

A quarta dimensão da alienação é decorrente das demais, haja vista, se a pessoa não se reconhece como humano e se vê como máquina, passa também a ver outras pessoas como máquinas (MARX, 2010a). Eis aí a plenitude do início da fragmentação da subjetividade humana, a incapacidade de reconhecimento de si e do outro como seres humanos que possuem sentimentos, história, necessidade e se passa a ver o outro como outra máquina responsável pela produção de mercadorias, sejam elas materiais – óculos, carros, computadores, comida –, sejam elas imateriais – cultura, educação, saúde, entre outros.

O processo de alienação não acontece apenas na consciência, apesar de este texto defender que toda consciência é corpo da consciência/consciência do corpo, mas, atinge de modo significativo a compreensão que as pessoas têm sobre o corpo. É bastante frequente identificar em vários grupos, quando se pergunta sobre a compreensão de corpo, as pessoas dizerem que este, (o qual deveria ser entendido como totalidade humana) pertence a condição de organismo e/ou de máquina (SILVA et al., 2007; FERREIRA;



BAPTISTA, 2013; EVANGELISTA et al, 2019), ou ainda dentro de dimensões dualistas que priorizam geralmente, a alma em detrimento do corpo.

Contudo, a situação se agrava quando se procura entender a força de trabalho como a única mercadoria que é detida pelos trabalhadores. A força de trabalho está contida no corpo. É nele como expressão de seu metabolismo com a natureza quem permite ao ser humano transformar o seu meio e a si mesmo. O corpo em atividade, em movimento, é a expressão da força de trabalho, é a maneira pela qual cada ser humano transforma as condições materiais de existência, produz e é produzido.

Assim sendo, o corpo pode ser entendido em um processo de constituição de si e da natureza⁴, primeiro, por seu valor de uso, como um bem de consumo com o qual se põe o trabalho em ato. É importante lembrar que o fato de o corpo ter e ser valor de uso para cada pessoa, não faz dele mercadoria (BAPTISTA, 2013a).

Porém, em um segundo momento, o corpo se torna valor de troca, pois, ele é constituído por suas capacidades, as quais se expressam em suas dimensões físicas, sociais, espirituais, bem como, em suas habilidades de coordenação, resistência, força, flexibilidade e domínio de inúmeras técnicas corporais inerentes à sua cultura como diria Mauss (2013). Assim como, todas as outras habilidades ao uso das inúmeras ferramentas usadas no cotidiano de acordo com as suas atividades. Este valor de troca é estabelecido pela capacidade de trabalho demonstrada por cada sujeito, inclusive as condições de saúde⁵ e de estética⁶ que se deve apresentar como maneira de se demonstrar a capacidade produtiva e a retidão de caráter (BAPTISTA, 2013a; 2016a; 2016b; SOARES, 2001c).

⁴ Ao falar de natureza, por compreendê-la em seu processo histórico, ou seja, como ação da atividade e da consciência humana, sob as formas de produção de cada período da história e, portanto, da relação estabelecida pelos seres humanos com ela, implicando inclusive na organização do espaço, da sociedade e do tempo, ela é naturalmente humana, enquanto o ser humano é humanamente natural, é uma relação da natureza consigo. Desse modo, a organização humana produz uma natureza que é histórica, social, econômica, espiritual, entre outros. Para maiores detalhes ver também: Marx (2010a) e Marx e Engels (1998).

⁵ Aqui estamos considerando saúde como ausência de doenças, de acordo com os interesses capitalistas. Um debate mais ampliado sobre o tema pode ser visto em Baptista (2020b).

⁶ A ideia de estética aqui apresentada passa apenas pela compreensão de um corpo considerado socialmente belo, de acordo com a indústria cultural. Para ampliar a discussão, sugere-se a leitura de Baptista e Zanolla (2016) e Baptista (2020a).



Como um ponto de reflexão adicional, cabe reforçar a ideia de que o corpo que trabalha e produz é, ao mesmo tempo, trabalhado e produzido. Este entendimento pode ser identificado empiricamente na massa muscular de lavradores, pedreiros, carregadores de cargas, na postura de barbeiros e dentistas, nas mãos grossas de quem faz trabalho pesado, na orelha de lutadores de jiu-jitsu, entre outros.

Ainda, há outro ponto a ser discutido. No limite, ao fim e ao cabo de todo o processo, o que determina o valor de toda mercadoria é o tempo de trabalho necessário para sua produção (MARX, 2011). Um exemplo disso, tem a ver com a própria escolarização. Ao se olhar para a classe trabalhadora, ainda que nas profissões de maiores salários, como é o caso de professores universitários, administradores de grandes empresas, o salário é produzido muitas vezes pelo tempo de produção do corpo (o tempo de estudo, o número e o tipo de cursos que foram feitos ao longo da vida, bem como, a própria experiência profissional, uma vez que esta permite a produção e aquisição de conhecimentos) como diz Baptista (2013a).

Por outro lado, este valor também pode ser constituído quando o seu padrão de saúde e estética coincidem com os modelos apresentados pela indústria cultural, o que, em certo sentido tende a agregar valor, tanto no contexto do trabalho, como na posição que este corpo pode passar a assumir em relação à atração afetiva e sexual (BAPTISTA, 2013a; 2016a, PIMENTEL; BAPTISTA, 2014; EVANGELISTA; BAPTISTA, 2017). Entretanto, este é um ponto pouco ou nada discutido, o qual demanda a realização de mais estudos. Destarte, o tempo de trabalho humano vivo à produção é o verdadeiro motivo para que o corpo e sua força de trabalho sejam ampliados (BAPTISTA, 2013a; 2016a).

Esta relação social fundamental, a quantidade de trabalho humano vivo para a produção de qualquer mercadoria, inclusive o corpo, portanto, a força de trabalho é escondida na aparência, passa a ser desconsiderada e, com isso, possui valor fantasmagórico, e de acordo com Marx (2011), passa a ser tratada então por seu fetiche.

Enfim, para tentar fechar essa discussão sem, contudo, ter condição ou interesse de esgotá-la, deve-se considerar que no modo de produção capitalista, o ser humano, ou seja, o corpo da consciência/consciência do corpo alcança seu ponto máximo de objetificação, torna-se definitivamente coisa, ao fim e ao cabo, reifica-se (2013a).



O processo de reificação é apresentado já em Marx (2010a), todavia, esta categoria demonstra maior nível de desenvolvimento na produção do filósofo húngaro György Lukács. Em sua obra *“História e consciência de classe”*, Lukács (2003), a qual teve a sua primeira edição em 1922, apresenta o processo de coisificação plena do ser humano – a reificação – sobretudo da consciência, lembrando que a consciência é consciência do corpo/corpo da consciência, a qual pode ser explicada de certo modo, pelo desenvolvimento da alienação potencializado pelo fetiche da mercadoria (LUKÁCS, 2003; BAPTISTA, 2013a).

Em consonância, ainda que rapidamente com Lukács (2003), pode-se dizer que a reificação possui dois processos importantes: um objetivo e outro subjetivo. Segundo esse autor:

Objetivamente, quando surge um mundo de coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. O indivíduo pode, portanto, utilizar seu conhecimento sobre essas leis a seu favor, sem que lhe seja dado exercer, mesmo nesse caso, uma influência transformadora sobre o processo real por meio de sua atividade (LUKÁCS, 2003, p. 199).

Neste ponto, o filósofo húngaro, demonstra que do ponto de vista objetivo, a reificação se manifesta pela organização social do trabalho capitalista, pelo desenvolvimento do fetiche da mercadoria, assim como, por certa incapacidade de o trabalhador intervir de modo diferente no processo, pois, existe um processo subjetivo determinado

[...] quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, de leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independentes dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo. (LUKÁCS, 2003, p. 199-200)

Esse processo subjetivo traz em si as condições da própria objetivação, uma vez que, são as leis que determinam o valor da mercadoria em sua expressão plena, o fetiche, que constituem a fragmentação da subjetividade humana. Em outras palavras, vale dizer que o homem que se reconhece como máquina, identifica em si, isto é, em seu corpo, mais uma mercadoria que tem e precisa ter valor no mercado de trabalho. Entendendo isso e, ao mesmo tempo, tendo internalizado o fetiche da mercadoria, sem entender a



relação social escondida no processo, busca em seu corpo demonstrar que a sua mercadoria (o corpo) possui um valor que garanta as condições individuais de sobrevivência por meio de seu salário (BAPTISTA, 2013a).

Todavia, diz Marx (2010a) que o salário nada mais é do que o óleo que mantém a engrenagem desta máquina funcionando. Dito de outro modo, o pagamento garante as condições mínimas de existência de cada pessoa que vive do trabalho. Este pouco de dinheiro é trocado por aluguel, comida, gás, roupas, transporte e outras necessidades básicas para se garantir a vida, lembrando ainda que as ditas necessidades essenciais podem ser ampliadas em cada período, considerando que todo modo de produção procura atender certas necessidades, ao mesmo tempo em que cria outras.

Para exemplificar, a relação das necessidades básicas, em geral, elas são consideradas pela alimentação, moradia, segurança, entre outros. Contudo, devido à evolução tecnológica ou momentos como a Pandemia de COVID-19 no Brasil, trabalhadores, em especial, os professores precisaram trocar parte do seu salário pela aquisição de pacotes de internet, computadores, smartphones, entre outros para que possam trabalhar. Ou seja, foram criadas novas necessidades para a classe trabalhadora em decorrência do contexto pandêmico vigente nos anos de 2020-2021⁷.

De acordo com Resende (2009), a reificação pode ser expressa em três processos centrais, sendo; a) a quantificação de todas as relações; b) o uso da racionalidade instrumental em todos os processos e; c) a alteração da estrutura da consciência. Esta última, pontualmente, termina na fragmentação da subjetividade em todos os seus aspectos, ampliando o processo de reificação humana. Neste caso, a reificação não acontece apenas com a classe trabalhadora, mas, também, com a burguesia. Segundo

⁷ Este texto foi revisado em novembro de 2021. Neste momento, o Brasil acumula mais de 614.000 mortes por COVID-19 sem nenhuma ação efetiva por parte do governo federal para barrar a doença, assim como, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) realizada no Senado Federal demonstrou ações intencionais da presidência da república para se provocar o que foi chamado de “imunidade de rebanho”, ou seja, acreditava-se que esta ação faria que as pessoas se contaminassem “naturalmente” e, assim, não seria necessária nenhuma ação do executivo federal, como vacinas e outras atitudes. Ademais, as mortes provocadas pela doença seriam uma forma de eliminação dos debilitados pela idade ou comorbidade. Esta é uma ação de Eugenia de caráter nazista, sendo semelhante ao que aconteceu nos campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial. Por causa destas e outras ações ou omissões deliberadas, o presidente foi indiciado pela CPI, por nove crimes. Este registro se faz importante, porque não sabemos ainda quanto tempo irá durar a pandemia, nem quantas pessoas serão infectadas ou mortas por esta doença, ou pelas condições de miséria agravadas por ela.



Lukács (2003), a diferença deste processo não é qualitativa e sim, quantitativa. Por fim, pretende-se refletir sobre a relação da Educação Física com o corpo.

SOBRE O CORPO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O debate entre o corpo e a Educação Física possibilita entrar em uma seara que vem de longe e vai longe. Este campo de conhecimento acadêmico e científico sempre teve com o corpo a mais íntima relação, pois, é no corpo que as ações da Educação Física se manifestam.

De acordo com Soares (2001b), um dos principais processos de constituição desta filha da medicina com o positivismo foi a organização dos métodos ginásticos europeus na França, na Alemanha, na Inglaterra e na Suécia. A partir da proposta de criar um novo ser humano, na realidade, uma classe trabalhadora com as características necessárias para garantir os lucros da burguesia capitalista que se consolida, o perfil revolucionário de outros tempos perdera-se, assumindo um caráter conservador. A ginástica, os jogos, os esportes, as lutas, as danças, sempre estiveram presentes na história da humanidade. Esses componentes da cultura corporal foram socialmente produzidos e pedagogicamente sistematizados, possibilitando o seu uso para melhoria da saúde, da estética, das capacidades e habilidades corporais necessárias a cada momento da história, como é o caso da preparação para as batalhas medievais (COLETIVO DE AUTORES, 2012, SILVA, 2013).

Enquanto, um campo acadêmico científico e como uma disciplina escolar, as atividades realizadas pela Educação Física têm um uso muito significativo no processo de controle do corpo, juntamente com outros processos como a saúde, a sexualidade e a educação de modo geral (BAPTISTA, 2005; 2012).

Não é por acaso que Adorno e Horkheimer (1985), dizem que os amantes da ginástica têm pelo corpo o mesmo amor/ódio que os caçadores têm com a caça. E continuam dizendo que [os professores/profissionais] olham para o corpo com o olhar do fabricante de caixões para o cadáver e, que o seu interesse pela morte é só muito superficialmente apresentado como interesse pela saúde, embora, na mesa já estejam à



espreita da destruição do comensal. E com isso, toda atividade se converte em suas cargas, as caminhadas e corridas em quilômetros e a alimentação em calorias.

Assim, para este autor, a Educação Física como campo de conhecimento e seus profissionais em sua maioria, são colocadas a serviço da organização social da produção, ou seja, uma parte significativa da atuação profissional nas escolas, nos clubes, nas academias, nas unidades de saúde, nas práticas esportivas, nas atividades de lazer, contribui muito mais para o processo de reprodução do capitalismo, do que a sua superação. É a expressão da reificação anunciada por Lukács (2003), sendo manifesta no corpo, em seu controle, disciplina, docilidade, retidão, entre outros. Em síntese, ela se manifesta como uma profissão de índole fascista em seu nascimento, a qual, se mantém predominante até os dias de hoje, sobremodo, pela fragmentação da consciência e da subjetividade de inúmeros professores/profissionais.

Entretanto, não se pode negar que desde os anos 1980, este campo de conhecimento está buscando novos rumos. Desde essa década, o debate sobre o corpo, entre outros temas, foi se ampliando e, atualmente, há uma série de autores, inclusive este, que vem procurando pensar e debater o corpo na direção da autonomia e da emancipação humana (BAPTISTA, 2013a; COLETIVO DE AUTORES, 1992; GRANDO, 2009; MEDINA, 2009; SOARES, 2007; VAZ, 1999). Porém, este é um caminho que demanda tempo e esforço, considerando toda a força do capitalismo. Há de se resistir, apesar das dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar este texto, vale a pena destacar alguns pontos. Primeiro, dizer que as discussões sobre o corpo, o trabalho e a Educação Física não se esgotam neste texto. Debater a relação entre o corpo e o trabalho na perspectiva marxista não tem sido um foco da literatura na Educação Física de um modo geral, pois, alguns consideram a necessidade de debater o ser humano em sua totalidade.

Todavia, dizer do corpo (corpo da consciência/consciência do corpo), não é fragmentar o ser humano, é buscar essa totalidade nas suas múltiplas dimensões. É



compreender a corporalidade humana expressa no trabalho, no movimento realizado pela totalidade do ser.

O diálogo entre o corpo e o trabalho, já é possível constatar avanços e entender a própria Educação Física como locus de controle do corpo (SILVA, 2017; HEROLD JR. 2009a; 2009b; 2015), mas, também no espaço/tempo constituir a cultura corporal, apreender o seu desenvolvimento e a partir de sua intervenção, analisar e superar o capitalismo, ainda que mantendo paciência histórica. Todavia, este é um desafio que vem se construindo e que está longe de se esgotar.

Quanto à produção deste pesquisador ainda é necessário avançar em alguns aspectos como alcançar melhor compreensão sobre o corpo no processo de reestruturação produtiva, embora, os fundamentos gerais se mantenham: entender melhor a cultura e a ação da indústria cultural (não debatida neste texto), assim como buscar a interface entre o inconsciente e essa indústria para explicitar o vínculo que altera a imagem corporal, a autoimagem, entre outros, responsáveis por disparar problemas pessoais e sociais como a anorexia, a bulimia, a vigorexia, a ortorexia, entre outros.

Tudo isso demanda tempo e esforço, espera-se ter tempo hábil de vida para fazê-lo. Caso contrário, deixa-se esses apontamentos e inquietações para que outras pessoas invistam as suas energias na transformação da sociedade, ao compreender melhor as determinações sociais sobre o corpo.

REFRÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BAPTISTA, T. J. R. **A Educação do Corpo na Sociedade do Capital**. Curitiba: Appris, 2013a.

BAPTISTA, T. J. R. A estética do corpo na sociedade capitalista. In: REAL, M. P.; FURTADO, R. M. M.; BAPTISTA, T. J.R. (orgs.). **Arte, estética e processos**



educacionais: reflexões sobre os exercícios de sentir, de saber e de poder. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020a, p. 239-264 (no prelo).

BAPTISTA, T. J. R. Corpo, Educação Física e ginástica. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 17, p. 01-7, 2013b.

BAPTISTA, T. J. R. Da disciplina do corpo e educação física: notas para entender algumas relações sociais. **Pensar a Prática** (Online), v. 15, p. 1061-1075, 2012.

BAPTISTA, T. J. R. Entre o corpo da consciência e a consciência do corpo: aproximações e distanciamento entre Hegel e Marx. **Educativa** (Goiânia. Online), v. 16, p. 25-46, 2013c.

BAPTISTA, T. J. R. O corpo na fenomenologia do espírito de Hegel: um debate com a educação física. **Poiésis** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 4, p. 101-116, 2011

BAPTISTA, T. J. R. O corpo: determinações sociais para as suas transformações biológicas. **Revista Panorâmica**, v. 27, p. 9-24, 2019.

BAPTISTA, T. J. R. O Poder sobre o corpo: notas sobre as políticas desenvolvidas a partir do século XVII. **Estudos** (UCGO. Impresso), Goiânia, v. 32, n. 3, p. 407-431, 2005.

BAPTISTA, T. J. R. Para Pensar o Corpo na Educação Física (Resumo). In: V Seminário das Licenciaturas - Sala de Aula: desafios e perspectivas para a produção do saber, 2006, Goiânia. **Anais**, Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2006. v. Único. p. 74-74.

BAPTISTA, T. J. R. Revisando as concepções de corpo: uma revisão de literatura. In: V Semana Científica e Cultural da ESEFFEGO, 2007, Goiânia. **Anais**, Goiânia: ESEFFEGO, 2007. v. Único. p. 1-6.

BAPTISTA, T. J. R. Saúde e Direitos Humanos em Tempos de Pandemia. In: SANTOS, Izabel Cristina de Araújo Neckel dos; BONETI, Lindomar Wessler; SILVA, Maria Cristiani Gonçalves. (Org.). **Disrupturas: a ressignificação e a pluralidade dos direitos humanos**. 1ªed.Campinas/Jundiaí: Brasília/Fibra, 2020b, p. 201-214.

BAPTISTA, T. J. R. Uma visão Marxista de corpo: aproximações com a questão teológica. **Fragmentos de Cultura** (Goiânia), v. 13, n.01, p. 65-76, 2003.

BAPTISTA, T. J. R.. Corpo, Saúde e Indústria Cultural. In: PACHECO NETO, Manuel. (Org.). **Desafios da Educação Física: cultura e corpo em movimento**. 1ed.Dourados - MS: Ed. UFGD, 2016a, v. 1, p. 75-101.



BAPTISTA, T. J. R. Reflexões sobre Corpo, Estética e Saúde para os Povos Tradicionais. In: ANJOS, José Luiz dos; ALMEIDA, Felipe Quintão de. (Org.). **Educação Física, Corpo e Tradição: o jogo das comunidades tradicionais**. 1ed. Curitiba: Appris, 2016b, v. 1, p. 191-213.

BAPTISTA, T. J. R.; VILARINHO NETO, S. Filosofia e sociologia em educação física escolar: um diálogo a partir do corpo. In: PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas. (Org.). **Conhecimentos do professor de Educação Física escolar**. 1ed. Fortaleza: UECE, 2017, p. 121-158.

BAPTISTA, T. J. R.; VILARINHO NETO, S. O corpo em relação: uma possibilidade de organização. **Revista Digital EFDeportes**, v. 18, p. 1-10, 2014.

BAPTISTA, T. J. R.; ZANOLLA, S. R. S. Corpo, estética e ideologia: um diálogo com a ideia de beleza natural. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 22, p. 999-1010, 2016.
BÍBLIA. Contendo o Antigo velho e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 4. ed. 5. reimp. Santo André: Geográfica Editora, 2016.

CARVALHO, Yara M.; RÚBIO, Kátia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

CODO, W.; SENNE, W.A. **O que é corpo (latría)**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. 2. ed. rev. 1. reimp.. São Paulo: Cortez, 2012.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da renascença às luzes**. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da revolução à grande guerra**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009a, v. 2.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: as mutações do olhar. O século XX**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b, v. 3.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: regras para a direção do espírito**. São Paulo: Martin Claret, 2006.



- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DORNELLES, Priscila G.; WENETZ, Ileana; SCWENGBER, Simone V. (Orgs.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. Ijuí: UNIJUÍ, 2017.
- ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- EVANGELISTA, K. C. M.; BAPTISTA, T. J. R. Mulher nova, bonita e carinhosa: uma análise de conteúdo da revista Ludovica. **Revista Café Com Sociologia**, v. 6, p. 263-282, 2017.
- EVANGELISTA, K. C. M.; et al. Os homens que odiavam as mulheres-: relações de gênero em jogos internos de uma universidade pública. **ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL**, v. 21, p. 3-22, 2019.
- FERREIRA, T. M. da S.; BAPTISTA, T. J. R. Concepção de corpo de estudantes de 1º e 8º períodos de duas Universidades de Goiás. **Educação: Teoria e Prática**, v. 23, p. 130-147, 2013.
- FLORES, Maria B. R. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.
- GOELLNER, Silvana V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003. (Coleção Educação Física).
- GOELLNER, Silvana V. Corpo: (Re) Pensando entendimentos, articulações e possibilidades. **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 5, p. 4-9, jan./jun. 2015.
- GOELLNER, Silvana V. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, jan./fev./mar. 2016.
- GONÇALVES, Maria A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.
- GRANDO, B. S. (Org.). **Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser**. Ijuí: Ed. Da Unijuí, 2009.
- GRANDO, Beleni Saléte; PINHO, Vilma Aparecida; CAMPOS Neide da Silva (Org.). **Políticas Públicas e Povos Indígenas: contribuições a partir do Fórum Nacional de Esporte e Lazer para os povos indígenas do Brasil**. Cuiabá: EdUFMT/ Sustentável, 2016.
- HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. rev. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/USF, 2003, v. Único.



HEROLD JUNIOR, C. Corpo, educação e hominização: possibilidades de análise a partir do materialismo histórico. **Educere et Educare (Impresso)**, v. 4, n. 7, p. 203-221, jan./jun. 2009a.

HEROLD JUNIOR, C. O corpo no trabalho. **Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 21, n. 1, p. 275-280, 2015.

HEROLD JUNIOR, C. Os usos da categoria trabalho na educação física. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 35, p.48-58, set. 2009b.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade**. Campinas : Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LE BRETON, David. **Rostos: ensaios de antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEITE, Nina Virgínia de A. (Org.). **Corpalinguagem: gestos e afetos**. Campinas Mercado das Letras, 2003.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. 4. Reimp. São Paulo: Boitempo, 2010a.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política, livro 1, v. 1**. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital & Salário, preço e lucro**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.



MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política, livro 1, v. 1. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 4ª Reimpressão, São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MEDEIROS, Francisco E. Concepções de corpo em livros de educação física: uma leitura em obras de autores brasileiros publicadas nos anos 80 e 90. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Sedigraf/CBCE, 1999, Caderno 3, p. 1310-1317.

MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física**: para além de uma abordagem formal. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1998.

MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo**: educação e política do corpo. 2./12. ed. Campinas: Papirus, 1990/2009.

PIMENTEL, R. C.; BAPTISTA, T. J. R. Modelos de saúde e estética: uma análise das capas da revista Playboy brasileira em 2012. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, p. 55-68, 2014.

RESENDE Anita C. A. **Para a crítica da subjetividade reificada**. Goiânia: Editora UFG, 2009.

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo: Rideel, 2005.

SANT'ANNA, Denise B. (Org.) **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, Denise B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SILVA, Alan C. et al. Ainda uma questão técnica: o corpo na visão de graduandos em educação física. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XIII, Porto Alegre, 2007. **Anais**, Campinas: CBCE, 2007. [CD-ROM]

SILVA, Ana Márcia. História da Educação Física. In: SILVA, Ana Márcia et al. **Licenciatura em educação física**, v. 3. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. **Contribuição à crítica da pedagogia do corpo no trabalho**. Tese [Doutorado Em Educação]. UNICAMP, Campinas, 2017. 309f.



SOARES, Carmem L. Imagens da retidão: a ginástica e a educação do corpo. In: CARVALHO, Yara M. & RÚBIO, Kátia. **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001c, p. 53-74.

SOARES, Carmen L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001a.

SOARES, Carmen L. (Org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: FAPESP, 2007.

SOARES, Carmen L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2001b.

SOARES, Carmen L. **Imagens da Educação no corpo**. 3.ed. Campinas Autores Associados, 2005.

VAZ, Alexandre F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**: Corpo e educação. Campinas: UNICAMP, Ano XIX, n. 48, ago. 1999, p. 89-108.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.